

Bilhete pra um operário: diálogos entre a crônica jornalística de Lourenço

Diaféria, sua trajetória e a reabertura política

Kelly Yshida¹

Lourenço Carlos Diaféria foi cronista da *Folha de S. Paulo* de 1964 a 1980. Era católico, casado, torcedor do Corinthians Paulista e nutria grande afeição pela vida na cidade de São Paulo, especialmente pelo Brás, onde nasceu. Comentava o processo de industrialização e migração ocorrido no bairro, onde presenciou os conflitos e as conformações que perpassavam a vida de homens e mulheres das camadas médias e baixas da sociedade. Demonstrava que o dia-a-dia de pessoas comuns era, mais do que a ambientação da narrativa, sua motivação. Em geral, debatia os problemas urbanos, a migração, a desigualdade social, violência, educação, infância, a trama política e as tensões do governo militar instaurado em 1964.

Em 1978, o jornal *O São Paulo* noticiou que Diaféria havia sido escolhido para participar do Conselho Consultivo do Secretariado Justiça e Não Violência de São Paulo, pela própria diretoria da organização². O que permite percebermos sua circulação e que seus textos tinham acesso a diversos públicos, além dos leitores da *Folha de S. Paulo*. No mais, esta vinculação auxilia na compreensão da relação do autor com o movimento da Igreja Católica contra a ditadura e a aproximação com o Arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns. Que, junto à relação com outros jornalistas, políticos e organizações civis, permite uma leitura mais consistente da vivência do cronista, da relação com o governo e de sua própria produção literária.

Este Secretariado ao qual Diaféria se aproximou era divulgador da Firmeza-Permanente, que consistia em um modo de luta contra as injustiças sociais sem o uso da violência física, ou seja, pautado na “não-violência-ativa”. Estes movimentos de base, assim como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), ganharam notoriedade em um momento onde religiosos como Dom Evaristo Arns, Dom Helder Câmara, Frei Betto, entre outros, colocavam-se contra os militares. Visavam desenvolver a consciência crítica dos participantes e, com isso, promover a transformação social. Questão que podia ser vista também nas atividades propostas por aquele Secretariado, que acreditava que as lutas deveriam ser sustentadas, em primeiro lugar, pelas

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² *Lourenço Carlos Diaféria*. 12/03/81. Arquivo do Estado de São Paulo. Divisão de Informações - Deops. 52-Z-0-28547

comunidades de base, aqueles que sofriam com a opressão. Estes eram alguns dos fundamentos em que Lourenço Diaféria encontrava elementos para a compreensão crítica do sistema político e dos problemas socioeconômicos daquele período.

Nota-se que um dos idealizadores do grupo da Firmeza-Permanente, o Arcebispo Arns, era figura próxima ao cronista. Além disso, a preocupação do religioso com os problemas da classe trabalhadora o fez ser chamado de “Cardeal dos trabalhadores” e sua atuação ultrapassou a defesa de casos pontuais. Colaborou, por exemplo, em 1979, com o projeto *Brasil: Nunca Mais* que reuniu processos jurídicos e que se tornou referência de denúncia. Cronista e cardeal se encontraram politicamente, religiosamente e estabeleceram ligações pessoais.

Lourenço Diaféria foi acusado de ofensa às Forças Armadas pela publicação da crônica jornalística *Herói.Morto.Nós.*, na Semana da Pátria de 1977. O processo de enquadramento na Lei de Segurança Nacional (LSN), pedido pelo ministro do Exército Sylvio Frota, fez com que tivesse visibilidade dentro do debate de liberdade de imprensa e direitos civis, ganhando repercussão no cenário nacional. No texto, elogiava um sargento que havia pulado em um fosso de ariranhas para salvar uma criança e criticava o símbolo heroico de Duque de Caxias, Patrono do Exército. Afirmava que este era um objeto estático e sem aparente função social, concluindo que “o povo urina nos heróis de pedestal” (FSP, 01/09/77). Diaféria ficou detido alguns dias em 1977 e durante o processo que sofreu, findado apenas no início de 1980, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, políticos e representantes de movimentos da Igreja foram presentes em sua defesa. A *Folha de S. Paulo* publicou uma coluna em branco como marco de reivindicação contra a ação da ditadura. O que demonstra como a literatura, além de ser produzida a partir de influências de seu contexto, atua nele.

Assim, a literatura possibilita análises nas várias dimensões dentro do contexto em que se insere, desde sua elaboração aos seus desdobramentos. Ela é entendida aqui como uma prática social, produzindo significados, sendo formada e interagindo com o meio. Ela é sensível às articulações do tempo e sua análise nos permite apreender debates políticos e sociais. Conhecer esta realidade que a produziu faz compreender como o autor a apreendeu e optou por exprimi-la em determinada forma. A liberdade de criação que este tem diante de seus personagens, cenários, diálogos e de toda a estrutura que compreende a obra ficcional, não é ilimitada. Ele tem seus limites, suas condições, e aquilo que produz não é imune a isto. Todavia, parece equivocado considerar que a obra literária é capaz de refletir a realidade que a moldou.

Além disso, há de ser levado em conta que a literatura tem suas especificidades como uma elaboração artística, capaz de ser ressignificada.

As crônicas jornalísticas de Lourenço Diaféria se caracterizavam pelo diálogo voluntário com as notícias de jornal. Imbricava-se entre a eficiência do texto jornalístico, sua pretensão de descrição da realidade, e a parte poética da literatura. Apegada à materialidade do mundo, fazia com que o autor partilhasse seus pensamentos com o leitor e apresentava sua leitura do cotidiano. Este gênero foi, por vezes, considerado “menor” que o romance ou a poesia, por exemplo, por ser ditado pelo ritmo lucrativo do jornal e não pelo tempo que almeja a criatividade do escritor. É nesta tensão onde, de acordo com Antônio Dimas (1974), “a fidelidade ao histórico está constantemente ameaçada pela liberdade criativa. Diante do cronista, o fato se desfolha, se desventra e, eventualmente, se torna tão ambíguo quanto a própria linguagem que o moldou” (p.49).

Desde que sofreu o processo jurídico em 1977, embora ainda tratasse de “coisas fúteis e banalidades” (FSP, 24/07/64) - mesmo sabendo que questionar o cotidiano não era uma futilidade -, passou a evidenciar temáticas políticas. Em sua produção era recorrente a reflexão sobre a vida dos trabalhadores, como dito, mas em relação a atuação destes e o sindicato esta crônica chama a atenção pelo modo como se coloca em prol deste modelo de organização. Além disso, é importante notar que Diaféria era próximo de determinada atuação sindical espalhada na própria categoria dos jornalistas.

Nas eleições do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo de 1980, após a greve dos jornalistas e vivenciando os percalços desencadeados por ela, Lourenço Diaféria foi Suplente da Executiva da chapa *Movimento de Fortalecimento Sindical (MFS)*. A gestão do MFS, anteriormente presidida por Audálio Dantas – presente na defesa do cronista no processo da LSN –, tinha “a principal motivação da nova diretoria era incorporar nos jornalistas o espírito do Novo Sindicalismo, cuja liderança principal era Luís Inácio da Silva, levando os jornalistas ao movimento grevista de 1979” (SILVA, 2005).

Vale colocar que em fevereiro de 1980 o Partido dos Trabalhadores (PT) havia sido lançado como legenda política, unindo, entre outros, os sindicalistas à grupos da esquerda católica. Nascia como:

Um partido *independente* do jogo e das instituições legais, livre da tutela do Estado e das lideranças *burguesas*, que sempre haviam dominado o jogo político nacional, distinto também das principais tradições que haviam animado as lutas sociais e políticas dos trabalhadores brasileiros: o trabalhismo e o comunismo, acusados de

serem artífices de derrotas e, principalmente, de terem atrelado os trabalhadores a causas e a propósitos *populistas* e *burgueses*. (AARAO, 2007, p.2-3)

Assim, quando da fundação do PT, a preocupação com o operariado, as dificuldades econômicas e sociais de trabalhadores e trabalhadoras, a vinculação com propostas geridas e espreiadas pela esquerda católica, a proximidade com o espaço sindical e sua própria experiência com a política dos militares, possibilitavam que Lourenço Diaféria se identificasse com as propostas do líder sindicalista. Na crônica *Ora pro nobis*, de junho daquele ano, demonstrou sua simpatia pelo Partido. Ao debater sobre o cenário partidário da época, comentando diversas legendas e encontrando nelas problemas para “nos proteger em caso de peste, fome, guerra e tempestade”, lembrou:

Claro, existe o PT. Mas o problema do PT é ter muito trabalhador e nenhum militar. Ora, nestas condições, deixemos de ilusões e sonhos de verão. O máximo que o PT pode almejar e conseguir é infiltrar no governo um verdadeiro ministro do Trabalho, integralmente dedicado a defender o trabalho. No dia em que conseguir tal feito, é evidente que o PT não necessitará ter candidato à Presidência da República. (FSP, 12/06/80)

Era o único partido elogiado por Diaféria naquele momento. Comentava ainda que o presidente, para alcançar tal façanha, deveria ser “alguém em quem as donas de casa confiem e de quem os maridos não suspeitem, alguém que possa ser elogiado pela Fiesp e ao mesmo tempo ser convidado para uma assembleia de metalúrgicos. Alguém que convença o Grupo 14 a negociar com os trabalhadores”. Remetia-se às greves e negociações das reivindicações sobre a melhoria dos salários entre dirigentes sindicalistas e o grupo da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). Dizia também sobre aquele que teria perfil para comandar o país, que deveria ser “alguém que seja ao mesmo tempo presidente, pai, conselheiro, amigo, colega, companheiro, camarada”. Este, um termo recorrentemente utilizado, naquele momento, pelos sindicalistas e participantes do PT.

Este quadro é importante para compreendermos o que levou o cronista a publicar, em 15 de setembro de 1980, o texto *Bilhete pra um operário*. Nesta crônica, Diaféria deixou explícita sua simpatia pelo líder sindical Luís Inácio da Silva, o Lula, símbolo da articulação trabalhista no processo de redemocratização (FSP, 15/09/80). Dizia:

Pegaram um dia um operário e disseram-lhe:
Senta-te no banco dos réus.
És acusado de haveres nascido com sonhos na cabeça. És acusado de teres os cabelos encaracolados. És acusados de teres bigodes vastos, negros, provocativos.

És acusado de teres alguns pedaços de dedo a menos que o comum dos mortais, podados pelas engrenagens das máquinas.

És acusado de ficares pelas esquinas conversando em voz baixa com amigos enquanto a luz dos postes te ilumina o suor do rosto. És acusado de terem te visto no bar dando gargalhadas.

És acusado de tua casa ter um pequeno jardim com grama e flores.

És acusado de conheceres a sinfonia das sirenas das fábricas anunciando a aurora do primeiro turno. És acusado de seres reconhecido na portaria e todos te cumprimentarem, e te baterem levemente as costas com alegria, e te dizerem: olá, meu chapa.

És acusado de inventares um partido que não é o único, mas não se confunde com siglas e teorias de alfarrábios envelhecidos.

És acusado de fazeres discursos de improviso com vigor e garra que nascem do fundo das vísceras do espírito.

És acusado de não seres magro nem raquítico como teus irmãos deviam ser.

És acusado de jogares baralho e dares dor de cabeça aos homens sérios deste país. És acusado de usares gravata em vez de macacão, vestindo-se com roupas só permissíveis no enterro do melhor amigo. És acusado de frequentares reuniões e discutires com sábios e iluminados sem pedir licença nem apresentar diploma. És acusado de te haverem visto com ministros, criaturas importantes, e não te ocorrer submeter-se a elas.

És acusado de não teres te colocado no lugar cavado para o oprimido. És acusado de haveres gritado com toda a força de teus pulmões fuliginosos.

És acusado de teres filhos bonitos e uma mulher doce, que devia ser feira e talhada a foice.

És acusado de não seres rapaz comportado, meigo, gentil, acetinado.

És acusado de conheceres a prensa, e não te afugentar o ronco que ela faz na madrugada.

És acusado de queres a pátria livre, e livre, também, o coração e os sentimentos do homem.

És acusado de rezares e de pôr a boca no trombone quando todos se calam e descreem de Deus e dos homens.

És acusado de teres o desplante de ser líder num país desnaturado onde quem levanta a frente é triturado.

És acusado de haveres perdido a paciência de esperar pelo futuro que não chega nunca.

És acusado de usares sapato 42, de couro, quando o normal é sandália havaiana.

És acusado de romperes as cadeias invisíveis que amarram teus braços peludos e tuas mãos penadas.

És acusado de atraíres os operários com tua voz, teu berro, teu silêncio, teu olhar, tua dor, tua ânsia, teu mistério, e saber contar, sorrindo, tristes histórias recolhidas em barracos e cômodos-e-cozinhas.

És acusado de estares em pé, quando devias estar de bruços, de borco, exangue e vencido.

És acusado de não seres o que queriam que tu fosses.

Meu caro operário sentado no banco dos réus, por favor, recebe este recado:

Se existir mesmo essa senhora difusa e vaga a que chamam de Justiça, confia nela.

Não creio que essa matrona seja cega. (FSP, 15/09/80)

Ficava evidente que Lourenço Diaféria dialogava com os acontecimentos relacionados à Lula, tanto pelas características físicas que descrevia, quanto pelos demais indícios. O volumoso bigode e cabelos chamavam a atenção nos comícios e na mídia, tornando-se identificadores do sindicalista. Bem como a perda do dedo mínimo da mão esquerda, devido a

um acidente de trabalho. A figura carismática do líder dos trabalhadores também era descrita, demonstrando familiaridade com aqueles que representava e não alguém distante daquela realidade. A rotina de trabalho e as sirenes, em outros textos comentada pelo cronista especialmente em suas memórias do bairro do Brás, eram importantes elementos de proximidade entre as duas trajetórias.

Diaféria prosseguia buscando dar significado às características de Lula, comentava suas roupas e postura. Falava dos sapatos, do porte físico e de como se impunha socialmente mesmo sob a condição de um operário. De acordo com a *Folha de S. Paulo*, “em 1975, elegeu-se presidente da entidade. Lula compareceu à posse de terno, gravata e colete. O traje virou alvo de comentários. Nunca um sindicalista havia se vestido assim” (FSP, 11/09/2006). Estes atos faziam parte, na elaboração da crônica, de pequenas, porém significativas formas de questionar o que era socialmente estabelecido.

O modelo de organização de base do sindicato aproximava Diaféria do discurso do líder petista. Ao dizer, “és acusado de não teres te colocado no lugar cavado para o oprimido”, lembrava a premissa da Firmeza-Permanente de que não deveríamos ser passivos diante da opressão. Não significa que este sindicalismo tenha proximidade direta com o movimento católico, mas a forma de ação deste estava em consonância com a luta sindical. Eram contra a opressão e almejavam o protagonismo das camadas menos favorecidas, que a Firmeza-Permanente e o Secretariado Justiça e Não-Violência afirmavam. Tanto que, como apresentou Frei Betto (2003), o modelo de participação do PT, de um partido de “baixo para cima”, conquistou o apoio das CEBs, próximas ao Secretariado (p.16).

A própria figura do líder sindical também era importante para esta simpatia:

A formação religiosa de Lula facilitou sua aproximação com a Pastoral Operária, integrada também por metalúrgicos que se destacavam na atividade sindical. Devoto de Jesus e de São Francisco de Assis, Lula gosta de orar, tem por hábito fazer o sinal-da-cruz antes das refeições, e nunca falta à Missa do Trabalhador, celebrada todo dia 1º de maio na Igreja Matriz de São Bernardo do Campo. No entanto, preserva a fé com a mesma discrição com que protege a família do assédio da mídia. (BETTO, 2003, p.17)

Esta caracterização firmava o apoio destes setores ao líder sindical e às propostas do PT, que, de certa forma, era fortemente marcada pela figura de seu presidente. A atuação de Lula nas Greves do ABC foi comentada com entusiasmo pelo cronista: “és acusado de haveres gritado com toda a força de teus pulmões fuliginosos”, fazendo referência às indústrias nas

quais os trabalhadores conviviam. As problematizações sobre os operários já eram recorrentes nas crônicas de Diaféria e encontravam, neste momento, esperança nas propostas petistas.

Mas não era apenas pela imagem de Luís Inácio da Silva nem somente pela crença no recém institucionalizado PT que Diaféria foi motivado a escrever *Bilhete pra um Operário* naquele momento. Como apresentado, as crônicas do autor têm notória proximidade com as notícias. Na mesma edição do jornal estava a resposta de Lula pelo seu enquadramento na LSN. Ele era acusado de “incitação à desobediência coletiva às leis e à luta pela violência entre as classes sociais” por um discurso aos trabalhadores de Brasília, no Acre, em julho de 1980 (FSP, 12/09/80) e era indiciado, também na LSN, com outros sindicalistas, devido à greve dos metalúrgicos em maio do mesmo ano (FSP, 16/09/80). Nesta greve, algumas das reivindicações eram por melhores salários, garantia de emprego e redução da jornada de trabalho.

Enquanto isso, a Secretaria Nacional de Imprensa do Partido dos Trabalhadores comentou que “o governo está decidido a obstaculizar de todas as formas possíveis’ o registro partidário, e ‘apela agora para a draconiana Lei de Segurança Nacional. Mas o PT está igualmente convicto de que a firmeza e a decisão dos trabalhadores impedirão que o regime tenha êxito” (FSP, 16/09/80). As propostas petistas e a luta dos trabalhadores não condiziam com os rumos que os militares traçavam para o país. Mas combinavam com os ideais do cronista da *Folha*, que tinha nos operários das fábricas seus personagens mais elogiosos, mesmo antes do regime militar.

Como presidente nacional do Partido, Lula criticava “meia dúzia de militares que se encastelaram no poder e acham que não podem errar”, lamentando que “no País, não se pode ‘falar mal’ dos militares”, “se falar, já está enquadrado na Lei de Segurança Nacional” (FSP, 15/09/80). Lourenço Diaféria, que já havia sofrido processo por supostamente ter propalado fatos inverídicos e injúrias em relação ao Exército, parecia se comover com o caso e com a fala recente. Ainda na mesma reportagem, estava o pronunciamento de Lula afirmando:

O povo independe de regime, o povo precisa de liberdade, precisa conquistar o direito de viver com dignidade. É essa a proposta do Partido dos Trabalhadores: dar o direito ao povo de falar porque nem todos têm o direito de falar igual aos militares. Porque os militares, a eles não está reservado o direito de serem os donos da verdade como querem ser. O dono da verdade é o povo. (FSP, 15/09/80)

Foram diversas as crônicas de Diaféria que partilhavam desta opinião de que cabia ao “povo” as decisões em nível nacional. Tanto o cronista quanto Lula acreditavam que este tinha poder e discernimento para escolher seu próprio destino, em contraposição ao governo

autoritário sob o qual viviam. Para ilustrar podemos perceber que no próprio texto que foi alvo das acusações de Frota, *Herói.Morto.Nós.*, estava:

O duque de Caxias é um homem a cavalo reduzido a uma estátua. Aquela espada que o duque ergue ao ar aqui na Praça Princesa Isabel -onde se reúnem os ciganos e as pombas do entardecer- oxidou-se no coração do povo. O povo está cansado de espadas e de cavalos. O povo urina nos heróis de pedestal. Ao povo desgosta o herói de bronze, irretocável e irretorquível, como as enfadonhas lições repetidas por cansadas professoras que não acreditam no que mandam decorar. O povo quer o herói sargento que seja como ele: povo. Um sargento que dê as mãos aos filhos e à mulher, e passeie incógnito e desfardado, sem divisas, entre seus irmãos.

O “povo”, conclamado e defendido pelo cronista, era atuante no descaso. Na mesma concepção que a fala anterior, o povo era visto como capaz de gerir seus interesses, sem necessidade de figuras como os militares. O sargento a que se refere era Silvio Hollembach, morto ao salvar um menino de um taque de ariranhas no Zoológico de Brasília, era venerado por Diaféria como alguém próximo às necessidades da população e por isso mais legítimo para representá-la. Como parecia significar a imagem de Lula naquele contexto.

Em *Bilhete pra um operário*, Diaféria apresentou seu posicionamento político naquela altura da reabertura política. Mais do que isso, a crônica quando lida a partir da trajetória do cronista e de sua proximidade com o momento político em que foi elaborado, aqui feito a partir das notícias do jornal, permite a análise da vivência e compreensão de mundo do autor. Neste sentido, o texto literário é visto tanto como iniciativa do escritor quanto fruto de processos históricos dentro dos quais artistas e obras estão, necessariamente, imbricados.

A crônica jornalística, mesmo sendo um texto curto e com a fugacidade de seu suporte, pode ser compreendida como uma percepção do momento, marcada pelo percurso do cronista, e como um gênero com as particularidades da realidade em que foi produzida. Afinal, é formada de acordo com as demandas do impresso em que é publicada, o espaço da coluna, o interesse do leitor e dos editores, a relação que tem com o mercado, entre outras. Por isso, a necessidade de acompanhar suas influências e estabelecer relações entre os espaços em que autor e texto circularam. E, assim, a crônica é imersa em debates que se imbricam entre a produção jornalística, a vivência do cronista e as possibilidades da elaboração literária.

REFERÊNCIAS

AARÃO REIS, Daniel. “O Partido dos Trabalhadores: trajetória, metamorfoses, perspectivas”. In: Ferreira, Jorge e Aarão Reis, Daniel (orgs.). *As Esquerdas no Brasil. Revolução e Democracia (1964...)*, vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

AARÃO, Daniel. *Ditadura e democracia no Brasil*, Rio de Janeiro, Zahar, 2014

ARNS, Dom Paulo Evaristo, et alii. *A firmeza-permanente: A força da não-violência*. São Paulo: Loyola/Vega, 1977.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão” In: CANDIDO, Antônio [et all.]. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992

CAPELATO, Maria Helena; MOTA, Carlos Guilherme. *História da Folha de S. Paulo (1921-1981)*. São Paulo: IMPRES, 1981

DIAFÉRIA, Lourenço. *Brás: sotaques e desmemórias*. São Paulo: Boitempo, 2002

DIMAS, Antônio. “Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo?” In: *LITTERA*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Campinas-SP: Ed. Unicamp, 1993, n. 12, set/dez 1974.

BETTO, Frei. *Lula: um operário na presidência*. São Paulo: Casa Amarela, 2003

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. Série Princípios. São Paulo, Ed. Ática, 2001

SILVA, Marco Antônio Roxo da. *Sindicato, memória e história – a greve dos jornalistas de 1961*. In: 3º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2005, Novo Hamburgo. GT História do Jornalismo, 2005.

ZWETSCH, Roberto. *Da Não-Violência Ativa ou Firmeza-Permanente à Educação para a Paz*. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, v.22, maio-ago 2010. p.2-12

ZWETSCH, Roberto. *A luta contra a Ditadura Civil-militar a partir da prática da não-violência ativa*. Revista Cultura e comunidade, Belo Horizonte, MG, v. 9, n.15, jan-jun 2014. p.7-28